

# **A Família**

**Naomi Krupitsky**

**Duas Famílias.  
Um destino inevitável.  
Amor e violência podem coexistir?**



**ALTA BOOKS**

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2022



# PARTE UM

1928 — 1937

AMOSTRA



SOFIA COLICCHIO é um animal de olhos escuros que corre rápido e berra muito alto. Ela é a melhor amiga de Antonia Russo, que mora na casa ao lado.

Elas moram no Brooklyn, em um bairro chamado Red Hook, que faz fronteira com o bairro que se tornará Carroll Gardens e Cobble Hill. Red Hook é mais novo que Lower Manhattan, porém mais antigo que Canarsie e Harlem, a perigosa periferia onde vale quase tudo. A maioria das construções é de cabanas baixas de madeira próximas ao rio, mas os telhados crescem quanto mais distantes da margem, em direção às casas de tijolos também baixas, porém mais permanentes, tudo de um cinza-escuro por causa do vento, da chuva e da fuligem.

As famílias de Sofia e Antonia se mudaram para Red Hook por ordens do chefe de seus pais, Tommy Fianzo. Tommy mora em Manhattan, mas precisa de ajuda para administrar suas operações no Brooklyn. Quando os vizinhos de Carlo e Joey perguntam com o que trabalham, eles respondem *uma coisa e outra*. Às vezes dizem que *estão no ramo de ajudar pessoas*. Dizem que é *importação e exportação*. Os novos vizinhos entendem e deixam de perguntar. Eles se comunicam por meio de persianas fechadas e dizem às filhas que *não é da nossa conta*, bem alto, no corredor.



Os demais vizinhos são italianos e irlandeses que trabalham nas docas e constroem os arranha-céus que estão brotando como pés de feijão no cenário de Manhattan. Embora a violência tenha apaziguado desde que os adultos do bairro eram crianças, ainda está presente, pairando na escuridão entre os postes da rua.



SOFIA E ANTONIA SABEM que devem avisar a um adulto antes de ir para a casa uma da outra, mas não o motivo. Seus mundos consistem em ir e voltar do parque no verão, nos ruídos dos aquecedores no inverno e nos distantes respingos e ecos de homens trabalhando nas docas o ano inteiro. Elas sabem de certas coisas com convicção e não sabem que há coisas que desconhecem. Melhor dizendo, o mundo entra em foco à medida que crescem. *Isso é um ulmeiro*, Antonia diz certa manhã, e Sofia percebe que há uma árvore na frente do seu prédio. *O Tio Billy vem jantar hoje à noite*, diz Sofia, e Antonia se dá conta de que odeia o Tio Billy: o nariz pontiagudo, o brilho dos sapatos, o fedor de charuto e suor que deixa por onde passa. *Atravesse a rua ou você vai acordar a maga*, elas se lembram, evitando o menor prédio do bloco, onde todos sabem — mas como é que sabem? — que mora uma bruxa no terceiro andar.

Sofia e Antonia sabem que o Tio Billy não é seu tio de verdade, mas é da Família de qualquer forma. Elas sabem que devem chamá-lo de Tio Billy, tal como o Tio Tommy, e que devem ser simpáticas com os filhos do Tio Tommy nos jantares de domingo. Elas sabem que esse assunto é indiscutível.

Elas sabem que a Família é tudo.



SOFIA MORA EM UM APARTAMENTO com três quartos e uma ampla janela na cozinha, cuja vista dá para um quintal sem acesso. No verão, o senhorio fica lá fora, sem camisa, e adormece com cigarros pendurados nos dedos grossos. O calor do meio-dia queima onde seu corpo fica exposto ao Sol, deixando branca a parte inferior da barriga redonda e os braços. Sofia e Antonia não devem ficar olhando. No quarto de Sofia, há uma cama com uma colcha nova de flanela vermelha, três bonecas com rosto de porcelana alinhadas na prateleira e um tapete de pelúcia em que ela gosta de afundar os pés.

No mesmo corredor do seu quarto, fica o de seus pais, onde ela não deve ir a menos que seja uma emergência. *Cara mia*, seu pai diz, *algumas coisas devem ficar só entre a mamma e o papà, não?* Não, ela responde, e ele faz garras com as mãos e a persegue pelo corredor para lhe fazer cócegas, e ela grita e sai correndo. Depois vem um quarto vazio, com o pequeno berço de quando Sofia era bebê, que não é de ninguém. Sua mãe às vezes entra lá e dobra as pequeninas roupas. Seu pai diz *venha, pare com isso, venha* e tira sua mãe do quarto.

Sofia começou a notar que as pessoas temem seu pai.

Na padaria ou na lanchonete, ele é servido primeiro. *Signore*, as garçonetes dizem. *Que bom vê-lo novamente. Aqui... por conta da casa. É uma especialidade. Prego.* Sofia o segura pela mão como um cogumelo crescendo na base de uma árvore. Ele é sua sombra, seu sustento, seu alicerce. *E esta deve ser a Sofia*, dizem. Suas bochechas são apertadas, seu cabelo é bagunçado.



Sofia olha de relance para os outros adultos. Ela nota quando eles entram no campo gravitacional de seu pai e quando a calorosa atenção dele vai de um para outro. Ela nota que seu pai sempre parece ser o mais alto nos lugares. Ela aceita as ofertas de balas gelatinosas e biscotti de homens que — até Sofia vê — estão mais interessados em bajular seu pai.

Após suas reuniões, o pai de Sofia a leva para tomar gelato. Eles se sentam no balcão da rua Smith, e ele toma seu expresso preto forte, enquanto ela se esforça para não derramar gelato de stracciatella na blusa. O pai de Sofia fuma cigarros compridos e finos e conta a ela sobre suas reuniões. *Trabalhamos no ramo de ajudar pessoas*, ele diz à Sofia. *Por causa disso, eles nos pagam um pouquinho, aqui e ali*. Então Sofia aprende: você pode ajudar as pessoas, mesmo que elas tenham medo de você.

Ela é a garotinha dele e sabe disso. A favorita. Ele vê a si mesmo nela. Sofia consegue farejar o perigo em seu pai como um cachorro fareja uma tempestade que se aproxima: uma energia terrestre por onde ele passa. Um gosto ferruginoso no ar. Sofia sabe que isso significa que ele faria qualquer coisa por ela.

Sofia consegue sentir a energia do universo vibrando em si a todo instante. Ela é tão viva que é incapaz de se desconectar das coisas ao seu redor. Ela é uma bola de fogo e a qualquer momento pode consumir seu apartamento, a rua, o parque onde vai com Antonia, a igreja, as ruas que seu pai percorre ao ir trabalhar e os prédios altos de Manhattan do outro lado do rio. É tudo inflamável.

Em vez de queimar o mundo inteiro, Sofia se limita a perguntar o porquê, *papà, por que, o que é isso?*





ANTONIA RUSSO MORA em um apartamento com dois quartos, um seu e um de seus pais. Sua mãe e seu pai deixam a porta do quarto deles aberta, e Antonia dorme melhor quando consegue ouvir as ondulações do ronco do pai. Não há janela em sua cozinha, mas há uma mesa pequena e redonda de madeira, em vez de uma quadrada como a da família de Sofia. Sua mãe esfrega e esfrega o chão e depois suspira e diz *não há nada que possamos fazer a respeito*. Na sala de estar, há retratos pendurados na parede, daqueles marrons acinzentados à moda antiga em que todos parecem chateados. Os retratos são dos avós de Antonia, antes de deixarem a *antiga terrinha*. Às vezes sua mãe olha para eles, beija o colar em volta do pescoço e aperta os olhos, só por alguns instantes.

Antonia descobre que, embora se espere que ela fique dentro do próprio corpo, com frequência sente como se estivesse no corpo de Sofia, no corpo da mãe ou de uma princesa fictícia. É fácil para ela escapular, dispersar-se e existir no universo inteiro em vez de dentro dos confins de sua própria pele.

Pela manhã, Antonia enfileira seus bichos de pelúcia e lhes dá nomes. Ela arruma a cama sem que peçam.



COM FREQUÊNCIA, SOFIA aparece na porta da casa de Antonia com cabelo despenteado e sujeira embaixo das unhas. Ela detém a luz espontânea do sol, certa de que se erguerá, convicta de que pode despertar todos. Antonia se sente ao mesmo tempo atraída e repelida: fascinada como uma criança que cerca um pássaro morto, admira uma pena solitária e cria um santuário para ele.



Ela é rigorosa com sua própria aparência. Ela quer absorver Sofia e encher-se da magia viciante de sua amiga.

Sofia e Antonia passam todo o tempo juntas porque são jovens, moram uma ao lado da outra e seus pais incentivam a amizade. É conveniente para os pais quando os filhos sempre podem ser encontrados com outra criança.

A densidade do caminhar de Sofia é tão familiar para Antonia quanto o peso e o ritmo do seu próprio. Seu reflexo nos olhos castanhos de Sofia é uma ancoragem maior do que o reflexo de um espelho. Sofia, por sua vez, reconhece Antonia pelo cheiro de pó e lírios — deixado em seu quarto por bastante tempo após sua amiga voltar para casa para o jantar —, pelas torres de blocos empilhadas com perfeição em sua estante, pelas curvas do penteado impecável do cabelo de sua boneca favorita.

Sofia e Antonia não percebem que sua amizade é imperturbada pelas outras crianças.

Sofia e Antonia fecham os olhos e transformam o mundo. Juntas, fazem um safári e escapam por um triz de uma morte sangrenta nos dentes de um leão. Viajam em aviões para a Sicília, de onde suas famílias são, Japão e Panamá. Elas sobrevivem na natureza selvagem com apenas duas varas e uma lata cheia de biscoitos natalinos. Escapam de areia movediça e gafanhotos. Casam-se com príncipes, que atravessam a cavalo as avenidas sujas de Red Hook. Sofia e Antonia montam seus próprios cavalos. Elas se esticam e sussurram em suas orelhas. Gritam *voe como o vento!*, e suas mães pedem *silêncio, vão brincar em outro lugar*, dizem. Sofia e Antonia brincam na Lua.

Antonia se sente livre ao lado de Sofia, que é iluminada por uma chama interna capaz de aquecer as mãos e a face de Antonia.



Às vezes, ela se vê simplesmente observando Sofia. Encarando como seu vestido estica entre os ombros quando ela se inclina sobre a mesa, ou esquecendo de enxaguar as mãos quando as lavam lado a lado no banheiro antes do jantar. *Se eu consigo te ver, eu devo estar aqui.* Antonia sente que sem Sofia pode flutuar para longe, desintegrar-se no ar noturno. E Sofia, confortável sendo o centro das atenções de sua amiga, sente-se brilhar cada vez mais ao resplandecer. *Se você pode me ver, eu devo estar aqui.*



ANTONIA E SOFIA MORAM praticamente com suas mães e uma com a outra. Seus pais estão ausentes na maior parte do tempo, embora o pai de Sofia volte para o jantar vezes o suficiente para que ela sinta sua presença como se fosse o princípio e o fim dos seus dias: enchendo a casa com o cheiro de brilhantina e expresso pela manhã, perambulando pela cozinha antes de ela ir dormir. Às vezes, quando está prestes a adormecer, ela ouve o abrir da porta da frente e seus passos de retirada: indo embora de novo.

Antonia não faz ideia de que a ausência de seu pai por duas ou três noites é incomum em comparação aos outros pais da vizinhança, ou de que sua mãe desatou a chorar no açougue, sobrecarregada pela exaustão profunda e existencial de planejar refeições “para dois ou três”, ou de que, na calada da noite, quando seu pai volta para casa, ele vai até o quarto de Antonia na ponta dos pés e, com as mãos nas laterais da cabeça dela, fecha os olhos em oração. Ela não sabe o que ele faz, somente que trabalha com Tio Billy e Tio Tommy. *Ele tem reuniões,* Sofia disse uma vez. *Reuniões sobre ajudar pessoas.* Mas algo em relação a isso



parece insubstancial e incompleto para Antonia. Eis o que ela sabe: quando ele está longe, sua mãe nunca fica do tamanho e formato corretos — ou fica maior que a vida, deixando um rastro de problemas e caos por onde passa, enquanto limpa, organiza, conserta e inquieta-se obsessivamente; ou fica pequena, esquelética, uma sombra de seu estado normal. E Antonia, com 5 anos, depende de sua mãe da mesma forma que o oceano depende da lua: ela cresce e encolhe em sintonia.

Ela imagina o pai sentado em um cômodo pequeno. Tio Billy fuma charutos, balança para frente e para trás em sua cadeira, gesticula furiosamente e grita ao telefone. Tio Tommy está de pé em um canto e os observa. Ele é o chefe. Seu pai fica em silêncio, com caneta e papel. Antonia o coloca em uma mesa e dá a ele uma expressão de profunda concentração. Ele olha pela janela e de vez em quando abaixa a vista, para rabiscar algo no papel. Ele fica longe de confusão.

Antonia acha que pode fantasiar o mundo se fechar os olhos.

À noite, quando sua mãe a coloca para dormir, Antonia sente o apartamento levantar-se da fundação. Seu próprio peso e o de sua mãe não são o suficiente para mantê-lo preso à terra, então ele dá um salto e flutua, e Antonia fecha os olhos e constrói outra fundação, tijolo por tijolo, até que cai no sono.

No quarto ao lado, sua mãe lê, ou, mais de uma vez, calça seus sapatos e vai para a casa ao lado beber três dedos de vinho com a mãe de Sofia, Rosa. As duas mulheres estão dominadas, sobrecarregadas pela consciência de que seus maridos estão fora de casa fazendo *sabe-se lá o quê, sabe-se lá onde*. Ambas têm 27 anos. De dia, cada uma delas consegue conjurar o brilho ofuscante da juventude, mas, à luz de lâmpadas, mapas de preocupação enrugam seus rostos, olheiras escurecem de exaustão e outras



partes do corpo afinam até os ossos. Elas, assim como muitas outras antes, envelhecem por causa da preocupação e enrijecem conforme passa o tempo, o qual elas juram passar mais devagar à noite do que à luz do dia.

A mãe de Antonia, Lina, tem uma compleição nervosa. Quando criança, Lina ficava em casa para ler enquanto as outras crianças brincavam agitadas do lado de fora. Ela olhava de um lado para o outro cinco ou seis vezes antes de atravessar a rua. Ela se assustava com facilidade. A mãe de Lina com frequência a olhava severamente, balançava a cabeça e suspirava. Isso nunca se apagará da memória de Lina. Olhar. Balançar. Suspirar. Casar-se com Carlo Russo não apaziguou seu nervosismo.

Toda vez que o pai de Antonia, Carlo, sai de casa, o medo toma conta de Lina até que ele volte. E, quando Tommy Fianzo decide precisar que Carlo passe as noites recolhendo e transportando caixas de destilados canadenses, o medo sufoca a garganta de Lina e a impede de dormir.

Então Lina desenvolveu um sistema: ela deixa de se preocupar até que o sol nasça. Quando é acordada pela distância entre ela e Carlo, por saber que ele está em outro lugar e que levou consigo a parte mais vulnerável dela, Lina escapole da cama e pousa com leveza no chão, como um pássaro. Ela desce as escadas de seu prédio e sobe as do apartamento dos Colicchio ao lado. Ela usa sua chave reserva e se senta no sofá com Rosa até que consiga suportar o silêncio de seu próprio apartamento.

Pouco antes de amanhecer, Lina sabe que uma chave irá girar na porta da frente. Carlo entrará de mansinho, e o apartamento e ela irão sossegar no solo ao qual pertencem.





A MÃE DE SOFIA, ROSA, recorda que seu próprio pai trabalhava à noite. Rosa ficava em casa com a mãe, que passava os dias costurando botões de camisas de homens, dando pequenos reparos e preocupando-se com o pai de Rosa, tecendo para seus filhos a história de sua infância antes da viagem até os Estados Unidos, mandando-os terminar as lições de casa aos gritos, pelo amor de Deus, estudarem, sentarem direito, serem cuidadosos, serem alguém, seus bebês. A mãe de Rosa, com as pontas calosas dos dedos de costurar, fatiava cebolas para o jantar sem pestanejar, calada, finalmente calma, o que fazia com que Rosa e seus irmãos soubessem que estava sofrendo. Tudo isso fazia sentido para Rosa: a construção da comunidade e do lar não importa como, não importa onde, custe o que custar.

Então, quando ela conheceu o alto e impressionante Joey Colicchio — que aceitara um trabalho do associado de seu pai, o patriarca Tommy Fianzo —, Rosa sabia o que seria necessário para construir seu próprio lar.



ANTONIA E SOFIA nem sempre dormem quando suas mães mandam. Elas passam várias horas trocando mensagens pela parede entre seus quartos. Mal cochilam direito. O sono não é tão finito para elas como é para os adultos: não há motivos para não continuarem a conversa em um sonho. Elas compartilham *sua mãe está aqui hoje à noite*, porque é claro que sabem. E suas mães sentam juntas em uma das cozinhas, bebendo vinho, rindo às vezes e chorando em outras, e, é claro, sabem quando suas filhas adormecem, porque ainda conseguem sentir o movimento delas dentro de suas barrigas.



Elas recordam de quando estavam grávidas ao mesmo tempo: sensíveis ao toque, vibrando com o potencial. Isso, mais do que os maridos terem o trabalho em comum, é o que as une.

Quando estavam grávidas, Rosa e Lina começaram a ter conversas sussurradas de madrugada em seus apartamentos. Lá, à luz baixa, elas se expunham. Falavam sobre o futuro, o que sempre significava falar sobre o passado: sobre o pai e a mãe de Rosa, sua casa agitada e movimentada, e sobre como Rosa queria sua própria casa movimentada. *Mas nada de agulhas*, Rosa sempre disse, *nada de linha*. Nada de dedos calosos espetados. Não faltaria nada a seus filhos. Lina, cujo futuro sempre a deixou com os nervos à flor da pele, ficou simplesmente aliviada de amar o bebê que crescia em seu interior mais do que temia. Ela pensou em sua própria infância, onde não havia margem para sentir falta de nada diante da luta pela sobrevivência. *Nada de obrigações*, ela disse à Rosa. *Nada de deveres*. Seus filhos teriam um mundo cheio de escolhas. Ela os ensinaria a ler.

*Deve ser um menino*, as outras mulheres da Família diziam à Rosa no açougue, no parque. *Devem ser gêmeos*, diziam à Lina, que estava enorme, não conseguia mais caber nos sapatos habituais e já não conseguia ver os pés, e que pensava, *é claro que não vou me sair bem nisso também*. As mulheres estendiam as mãos para apertar os rostos de Rosa e Lina e afagar suas barrigas. Rosa e Lina davam os braços e se arrastavam pela rua. Elas perceberam que seus bebês não seriam folhas em branco: nasceriam em um mundo que espera que sejam do tamanho e do formato corretos. *Se for um menino*, elas oraram, *que ele seja hábil com as mãos*. *Se for uma menina*, *que ela seja cuidadosa com o coração*.

Lina, com suas mãos suadas e dores na lombar, acrescentou: *que esta criança nada tema*.



**N**O OUTONO DE 1928, Sofia e Antonia começam a frequentar a escola juntas, e o mundo fica exponencialmente maior com o passar dos dias. Elas correm para lá todas as manhãs, tropeçando nos pés e nas pernas uma da outra. Elas são ferozes e pequenas e chegam sem fôlego e cedo. Aprendem números, letras e geografia.

Descobrem no primeiro dia que metade das crianças da turma é italiana e metade é irlandesa. Elas aprendem que a Irlanda é uma pequena ilha bem distante da Itália, mas não tão distante quanto os Estados Unidos, *onde todos nós estamos*, diz o Sr. Monaghan. Sofia e Antonia fazem amizade com Maria Panzini e Clara O'Malley. Todas estão usando fitas azuis no cabelo. Elas decidem que farão o mesmo amanhã. Almoçam juntas e dão as mãos a caminho de suas mães, que as aguardam. *Mamãe, mamãe*, as quatro estão prestes a chamar, mas as mães têm expressões sombrias. No dia seguinte, Maria Panzini almoça com outras meninas, e Clara, do outro lado do pátio. *As crianças irlandesas comem lá*, Antonia percebe. *Fique só com Antonia*, a mãe de Sofia diz mais tarde. *Nossas famílias são um pouco diferentes*, Rosa e Lina dizem às filhas, e Sofia e Antonia não sabem se isso significa que são melhores ou piores, mas logo almoçam sozinhas.



Elas ainda amam a escola por causa do Sr. Monaghan, que lutou na Primeira Guerra Mundial, manca e mora sozinho em um apartamento no porão de uma casa degradada, a poucos passos do estaleiro. O Sr. Monaghan tem um brilho nos olhos. Ele é comprido, magricelo e animado. Ele lhes dá atenção quando falam.

Todas as manhãs, eles giram um globo e escolhem uma parte do mundo para aprender. Foi dessa forma que aprenderam sobre as pirâmides, o Taj Mahal e a Antártida. Não importa onde pouse o dedo do Sr. Monaghan, ele sabe informações sobre o lugar, tem retratos e conta histórias maravilhosas, animadas e quase difíceis de acreditar, que deixam vinte crianças absortas, congeladas em seus assentos. E hoje, Marco DeLuca roubou a vez de Sofia girar o globo.

Ele fez sem saber, o que significa que, quando Sofia o encara com as sobrancelhas franzidas e uma raiva fervente no peito, ele responde com um olhar brando e impassível, sem saber por que ela o encarava, o que piora as coisas. Cresce um calor dentro do corpo de Sofia, enrubescendo-a, agitando as pontas de seus dedos e transformando seu fôlego em bile. No futuro, amigos e familiares reconhecerão o apertar dos lábios e o estreitar dos olhos, denunciadores de quando Sofia se afunda em raiva. Ela também passará a apreciar a chama quente, inflamada e devoradora de uma briga iminente.

Hoje Sofia não se junta aos colegas para olhar as figuras de criaturas marinhas em velhas edições da *National Geographic* e da *Encyclopædia Britannica* especial do Sr. Monaghan. Ela não os acompanha nos *ohs* e *uaus* enquanto o Sr. Monaghan desenha no quadro-negro figuras em escala de um ser humano ao lado de uma lula gigante e de uma baleia azul. Ela olha para Marco e



espera em vão que o Sr. Monaghan se lembre de que deveria ter sido sua vez. Ela sente a grande injustiça da vida percorrer cada fibra de seu ser.

Com o sexto sentido de alguém que não entende, ainda, que o ser humano se considera um indivíduo, Antonia sabe que algo está errado com Sofia. Ela participa da aula de criaturas marinhas, embora ficar no meio da multidão de crianças sem Sofia a deixe nervosa. Ela estica o pescoço como os outros, para ver a imagem de tubarões alinhados por tamanho, e exclama seu espanto ao ver o diagrama das muitas fileiras de dentes sinistros e avermelhados que possuem, mas fica sentada em silêncio enquanto o Sr. Monaghan chama seus colegas para citarem os oceanos e não levanta a mão, mesmo quando o restante da turma empaca no “Índico”. Ela olha para os sapatos, que são bem pretos em contraste com a palidez de suas pernas com meias. Por um momento, ela imagina ter entre 2 e 3 centímetros de altura. Ela poderia viver dentro de sua mesa, tecer cobertores com papel rasgado como os ratos que ela encontrou em seu armário tinham feito com lenços de papel, comer migalhas e pedaços de arroz das sobras de arancini e raspas ocasionais de chocolate ao leite. Ela não percebe que Sofia estreita os olhos enquanto Marco volta pela fileira de mesas.

É neste momento que a raiva de Sofia ferve e não pode mais ser contida dentro de seu corpo. Quando Marco DeLuca se aproxima de seu assento, Sofia aperta as mãos pequenas e estende a perna para pegá-lo pelas canelas.

Antonia olha para cima e vê Marco DeLuca soluçando enquanto se levanta do chão. Na algazarra que se segue, Antonia capta imagens que vai decifrar mais tarde. Sofia, a perna ainda estendida no corredor, a boca aberta em choque. Maria Panzini,